

## PREFÁCIO

### **ARUÃ E KAMIRI E O RESSURGIMENTO DO INDIANISMO.**

Por Durval de Noronha Goyos Júnior<sup>1</sup>

Gouveia de Hélias é um consagrado escritor cearense radicado na cidade de São Paulo, há anos. Formado em filosofia e história, é um entusiasta pesquisador das origens e características antropológicas dos habitantes originais do Brasil, os indígenas ou *caaporas* em tupi guarani, pertencentes a cerca de duas centenas de etnias diversas e com vários troncos linguísticos diversos. É autor do romance “*Dias sem compaixão*” e de uma importante biografia de seu ilustre conterrâneo, o Padre Cícero. Ademais, Gouveia de Hélias é um afiliado histórico da União Brasileira de Escritores – UBE e um membro ativo de seu Mutirão Cultural, em seus programas de ensino de oratória.

Como é sabido, o indianismo foi lançado como gênero literário pelos escritores Gonçalves Dias e por José de Alencar, também cearense, no início do século 19, como modalidade destinada a enaltecer os valores nacionais, por ocasião da independência do Brasil. Antes, contudo, os indígenas estiveram sempre no centro do pensamento português e brasileiro, e bem assim dos missionários católicos, notadamente daqueles pertencentes à Sociedade de Jesus, os jesuítas, que tiveram um grande protagonismo em nosso país desde a chegada dos elementos europeus. Já no século 17, o grande Padre António Vieira, S.J., não apenas defendia os direitos humanos dos indígenas, mas também respeitava a sua cultura e

---

<sup>1</sup> Escritor, advogado, professor, historiador e jornalista. Presidente da União Brasileira de Escritores – UBE. Membro da Academia de Letras e Artes de Portugal. Conselheiro da Fundação Padre Anchieta. Conselheiro da Casa de Portugal. Conselheiro do Instituto Confúcio na UNESP. Conselheiro da Fundação Maurício de Grabois. Conselheiro do Instituto José Bonifácio. Presidente da Observador Legal Editora. Presidente de Noronha – Advogados.

fazia com que os missionários aprendessem a sua língua. Conforme bem observou Alfredo Bosi, para Vieira, a interlocução com os silvícolas, “a linguagem não pode absolutamente ser a do colonizador”.

Apesar da triste história dos nativos habitantes das Américas, é forçoso reconhecer que o tratamento por eles recebido no Brasil foi muito mais benigno do que em outros países da região. Isso foi principalmente devido à ação dos jesuítas, como os Padres Manoel da Nóbrega, S.J., José de Anchieta, S.J., já em meados do século 16, e António Vieira, S.J, no século 17, bem como à política oficiosa originalmente e, depois, oficial de miscigenação de Portugal, que protegeu muitas famílias. Posteriormente, a tradição foi seguida na atividade de grandes humanistas, dentre os quais o grande Marechal Cândido Rondon. O primeiro dicionário de Tupi Guarani para o português e sua primeira gramática foram produzidas ainda no século 16, quando o Padre José de Anchieta escreveu o seu formidável livro “*A arte e gramática da língua mais falada na Costa do Brasil*”, publicado em 1595, antes portanto da primeira gramática da língua inglesa.

Padre Anchieta redigia versos na principal língua autóctone do caapora, além de escrever peças de teatro no tupi guarani, que serviam para a catequese e divertimento dos nativos. Com o mesmo intuito, dezenas de escolas foram abertas no Brasil para a população indígena, dentre elas o Real Colégio de São Paulo de Piratininga, fundado pelos jesuítas liderados por Padre Manoel da Nóbrega, em 25 de janeiro de 1554. Para além da educação, os jesuítas prestavam assistência médica e social aos nativos. Com tamanha atividade, ao redor do colégio formou-se a aldeia que se transformou, através dos séculos, na metrópole de São Paulo.

Esta tradição de respeito ao indígena e sua cultura permanecem na história, no imaginário social e nas ações políticas do Brasil nos dias atuais, bem como em seu ordenamento jurídico, a começar pela Constituição Federal. Trilhando esta louvável senda, escritor Gouveia de Hélias revelou-se em ***Aruã e Kamiri*** um formidável depositário dos conhecimentos da fauna e flora brasileiras, da geografia do País, da história de seus habitantes originais e, bem assim, dos léxicos de origem indígena, muitos dos quais foram incorporados à língua portuguesa e constituem étimos de outros idiomas.

O romance **Aruã e Kamiri** é uma história de amor entre dois indígenas de tribos próximas, mas diversas, com território ancestral nas veredas do Morená, planície que está situada no norte do atual Estado do Mato Grosso, no Brasil, região mais conhecida como o Alto Xingu, nas proximidades do rio Kuluene. Trata-se, em suma, de um amor impossível, à semelhança daquele registrado em *Romeu e Julieta*, na homônima obra clássica de Shakespeare, devido às crenças das respectivas tribos que eram amistosas, mas acreditavam ambas nos mesmos impedimentos religiosos decorrentes de uma deficiência física relativa para uma união conjugal.

Ao contrário do que idealizou o escritor José de Alencar em *O Guarani*, romance no qual Peri é indígena, mas Ceci é branca, Gouveia de Hélias faz em sua obra com que *Aruã e Kamiri* sejam ambos de origem indígena. Esta ambiciosa e árdua colocação proporciona, *inter alia*, um substrato muito mais rico para a abordagem do ecossistema e das culturas nativas, tão fortes e resilientes ao ponto de levar Padre Vieira a observar em seu Sermão da Epifania que o gentio era difícil de converter, “tal qual estátua de murta”. Os acontecimentos havidos no desenrolar da trama na festa *Kuarup*, rica e magistralmente descrita em seus menores detalhes, são emocionantes.

A obra **Aruã e Kamiri** não é apenas um romance indianista nos moldes dos grandes fundadores do gênero, aqui supramencionados. Ao contrário, o romance de Gouveia de Hélias é, ao mesmo tempo, extraordinariamente inovador, ao inserir na narrativa literária observações de caráter histórico pertinentes ao tema tratado, bem como uma belíssima seleção de fotografias ilustrativas<sup>2</sup>, a revelar não apenas a região onde se desenrolam os acontecimentos fictícios, mas também características antropológicas dos membros das tribos da região nos dias de hoje. Tais inserções servem como um simpático guia ao romance, convidam e estimulam o Leitor a uma imersão na rica e fascinante história cultural dos nossos indígenas.

Poucos ousariam contestar o axioma de que vida é uma luta, como escreveu em versos belíssimos o grande e inesquecível Gonçalves Dias, na *Canção do Tamoio*:

---

<sup>2</sup> De autoria da fotógrafa Marlene de Noronha, que não tem relação de parentesco com o subscritor deste Prefácio.

“As armas ensaia,

Penetra na vida:

Pesada ou querida,

Viver é lutar”.

Sejam, Senhores Leitores, portanto, bem-vindos à tanto fascinante como trágica história da luta conjunta, solidária e apaixonada de *Aruã* e *Kamiri* pelo seu amor. Eles demonstram que, se viver é lutar, amar é também saber morrer.

São Paulo de Piratininga, 13 de abril de 2019.